



VIDA E HISTÓRIA: ALTERAÇÕES A PARTIR DA SEGUNDA CONSIDERAÇÃO EXTEMPORÂNEA DE NIETZSCHE

Vitor Guimarães (IC) e Angela Zamora Cilento (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

Este trabalho aborda a *Segunda Consideração Extemporânea*, intitulada *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, do filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Nele é exposto um panorama da época em que esta obra nietzschiana foi redigida, incluindo a febre hegeliana que dominava o pensamento europeu naquele momento histórico, o momento histórico em que as ciências humanas buscavam autonomizar-se da Filosofia, o papel da história na vida humana e de que maneira é possível que utilizemos a história a nosso favor. Também são abordadas neste trabalho, as críticas de Friedrich Nietzsche ao historicismo hegeliano, as categorias da história, sendo elas a História Monumental, a História Antiquária e a Histórica Crítica, assim como os conceitos de histórico, ahistórico e supra-histórico, presentes nesta consideração de Friedrich Nietzsche. Esta obra nietzschiana é de suma importância para entendermos o percurso das ciências humanas em nossa história, assim como nossa relação e papel com e na história, respectivamente, tendo desdobramentos em diversas áreas do conhecimento além da Filosofia como a Sociologia, Psicologia e, claro, a História, por exemplo. Por último, também abordamos o motivo pelo qual a História não pode constituir-se como uma ciência autônoma e como esta questão possui uma relação íntima com uma história que pode estar a favor ou contra a vida.

Palavras-chave: Nietzsche, Hegel, Filosofia alemã

ABSTRACT

This work approaches the *Second Untimely Meditation*, titled *On the use and abuse of history for live*, of the German philosopher Friedrich Nietzsche. In this work is exposed an overview of the time in which this work has been written, including the Hegelian fever that dominated the European thinking of that time in history, the historical moment when the human sciences sought to gain autonomy from Philosophy, the role of history in human life and in which way it is possible that we use history on our behalf. It is also approached in this work Friedrich Nietzsche's criticism of the Hegelian historicism, the categories of history, being the *Monumental History*, *Antiquarian History* and *Critical History*, as well as the concepts of *historical*, *ahistorical* and *supra-historical*, that are presented in this meditation of Friedrich Nietzsche. This nietzschian work is of absolute importance for us to understand the course of human sciences in our history, as well as our relation and role with and in history, respectively, having developments in all sorts of areas of knowledge beyond Philosophy such as Sociology, Psychology and, of course, History, for example. At last, we also approached the motive because History can't constitute itself as an autonomous science and how this question has an intimate relation with a history that can be in favor or against life.

Keywords: Nietzsche, Hegel, German philosophy

1. INTRODUÇÃO

Friedrich Nietzsche, filólogo e filósofo alemão, nascido em Röcken no ano de 1844, faleceu em Weimar no ano de 1900, aos 55 anos. Comumente citado entre os maiores filósofos da história, investigou a fundo os valores fundamentais da cultura ocidental, estudou profundamente fenômeno do niilismo e propôs novos valores. Para tanto, temas como a vida e o tempo foram elementos constitutivos de suas pesquisas desde a sua juventude. O cerne da nossa pesquisa incide na exploração destes temas na Segunda Consideração Extemporânea intitulada *Sobre A Utilidade E A Desvantagem Da História Para A Vida*, publicada em 1874, quando o pensador tinha apenas 30 anos. É um texto que apresenta reflexões que abarcam a relação entre vida, memória, esquecimento e história.

Tal obra foi concebida “tendo como pano de fundo a crítica contra o historicismo hegeliano que dominava o pensamento acadêmico da época” (FREZZATI JR., 2018, p.10). As discordâncias entre os dois filósofos são imensas em inúmeros aspectos. Segundo Gilles Deleuze (2018, p. 245), não existe acordo possível entre a filosofia da história de Nietzsche e a de Hegel que, à época, já era extremamente célebre e com extrema influência no pensamento tanto alemão quanto europeu.

Assim, já encontramos no Prefácio, a sua desconfiança quanto à propagação do historicismo que embala a Alemanha, bem como, ironicamente, pretende ser publicamente informado e refutado, caso suas reflexões não estejam a contento:

Esforcei-me em descrever uma sensação que me torturava com frequência; vingo-me dela tornando-a pública. Talvez essa descrição leve alguém a me dizer que também conhece essa sensação, mas que eu não a tinha sentido de forma pura e originária o suficiente, e por isso não me tenha expressado com a necessária segurança e maturidade da experiência. É o que talvez me diriam um e outro; a maioria, contudo, me dirá que essa é uma sensação distorcida, inatural, execrável e simplesmente ilícita, e ainda que eu, com essa sensação, mostrei-me indigno da tendência histórica atual, observada, como se sabe, há duas gerações entre os alemães. Agora, de todo modo, a fisiografia de minha sensação antes auxilia que prejudica o decoro geral, por oferecer a muitos a oportunidade de defender a tendência atual. De minha parte, ganho algo que para mim tem mais valor do que o decoro – instruir-me e ser corrigido publicamente sobre nossa época.¹ (NIETZSCHE, 2017, p. 30)

¹ Seguimos neste trabalho, a convenção proposta pela Edição de Colli\Montinari das obras completas do filósofo, de demarcar os aforismos, independentemente da tradução e edição. Deste modo, adotamos as siglas em português abreviadas das obras, para referência. NIETZSCHE, F. HL\Co. Ext.II, Prefácio.

Em segundo lugar, não podemos desconsiderar que no momento histórico em que a *Segunda Consideração Extemporânea* de Nietzsche era redigida, nasciam as ciências humanas que objetivavam separar-se de modo autônomo da Filosofia.

De acordo com Lídia Maria Rodrigo (2007, p.72), a ciência, do modo que hoje a compreendemos, é bastante recente, tendo em vista a crescente consolidação do método científico no século XVII. Neste esteio, não apenas o mundo, mas o homem passou a se tornar o objeto de estudo das nascentes ciências humanas que ansiavam por libertar-se da Filosofia – a psicologia e história, por exemplo. Este movimento culminará na crise das ciências. Husserl proporá a fenomenologia como saída para esta crise no início do século XX. Embora seja digno de nota, não vamos nos deter no nascimento das ciências humanas sob o risco de nos desviarmos do tema central do nosso trabalho. Basta, portanto, percebermos que os escritos de Nietzsche sobre a História integram um movimento mais amplo que abarca a produção cultural do século XIX e reverberará com grande intensidade até os dias atuais.

A *2ª Extemporânea*, texto do jovem Nietzsche, dialoga com – na realidade levanta-se com veemência contra – o historicismo hegeliano que dominava o pensamento europeu naquela época. Na concepção de história em Hegel, encontramos uma filosofia da história que, aos olhos de Nietzsche, se apresenta linear e teleológica: uma história que caminha em linha reta em direção a um fim, onde os conhecimentos e acontecimentos estão intrinsecamente conectados a um espírito universal. Conhecimentos e acontecimentos que se vão somando ao longo do tempo. Segundo Hegel (2020, p.34), na História, deve-se buscar “um fim universal, o fim último do mundo”.

Para Hegel (2020, p.35), o espírito universal é “o resultado a que se chegou e se há de chegar a partir da consideração da história universal”. Para ele, o percurso da história é dado racionalmente. É “o curso racional e necessário do espírito universal”. A *2ª Extemporânea* “marca território em relação a uma corrente hegemônica do pensamento germânico, o historicismo, de forte influência hegeliana no mundo acadêmico alemão oitocentista” (BITTENCOURT, 2017, p.123). De acordo com Renato Nunes Bittencourt (2017, p. 124), tal corrente acaba por enraizar-se como fenômeno mistificador da modernidade e por mais que exija apuro de fontes e rigor metodológico, ela não consegue conquistar uma independência epistemológica, permanecendo “em seu papel subalterno de serva da fé, ainda que afirme o contrário”.

Nietzsche nos desenha um painel da modernidade européia nada animador. Ele diagnostica uma degeneração e um enfeamento da vida dolorosos para os homens, e que precisam ser curados o quanto antes. Esta doença européia que poderia ser chamada de ‘febre

histórica' é uma excessiva forma de glorificação da história pelos homens modernos. (GIL, 1990, p. 42)

Está em debate, portanto, não apenas a relação da história com a vida humana, mas o próprio conceito de história e dos valores que ela carrega. Em outros termos, o pensador alemão avalia que os valores apresentados pela concepção historicista não promovem a ação, pelo contrário, promovem a passividade diante da vida, enfeando a existência humana, porque o excesso de história, ao seus olhos, impede a ação.

Desta forma, a proposta do nosso trabalho é estudarmos sistematicamente a 2ª *Extemporânea* para perscrutarmos as relações existentes entre vida e história. Ora, se o objeto da história é o passado – do que foi vivido e do que nos lembramos dele, do que nos esquecemos, mas também a maneira de como lidamos com este passado, qual o valor que ele tem e, mais ainda, como a memória e o esquecimento estão inscritos nas histórias individual e coletiva? Qual o valor do presente?

São estas e outras questões que Nietzsche busca responder. Algumas delas ganharão força e verticalidade quando da elaboração do método genealógico em sua maturidade, assunto sobre o qual também não nos deteremos neste artigo, mas que serão assinalados dentro do possível.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Para compreendermos os pontos essenciais da 2ª *Extemporânea*, precisamos nos ater ao prefácio. Primeiramente, afirma Nietzsche: a profissão de filólogo clássico só tem sentido quando se age intempestivamente, ou seja, quando se olha para o tempo presente de modo crítico, para que o que o futuro seja benéfico: deve-se “intervir extemporaneamente – isto é, contra a época, sobre a época e a favor de uma época futura².” (NIETZSCHE, 2017, p. 31) A grande preocupação do pensador alemão que se declara ‘filho do tempo presente’, consiste no mal-estar que a sobrevalorização da história provoca na vida humana e que está em voga naquele momento. Escreve, então, para expor ao público suas inquietações sem medo de ser refutado. O problema não consiste na história propriamente dita, mas em sua hipertrofia. Em segundo, faz menção a Goethe: “Aliás, odeio tudo aquilo que apenas me instrui, sem aumentar ou estimular diretamente minha ação³” (NIETZSCHE, 2017, p. 29). Corroborando com o autor de *Fausto*, Nietzsche enfatiza que o ensinamento sem vivência, o saber que entorpece a ação e a história como “fútil excesso de conhecimento e luxo” devem ser desprezados. Em outros termos, precisamos

² NIETZSCHE, F. HL\Co. Ext.II, Prefácio.

³ NIETZSCHE, F. HL\Co. Ext.II, Prefácio

da história para a vida e para a ação, seu excesso provoca danos.

É certo que precisamos da história, mas de maneira diferente do que dela precisa o ocioso mimado no jardim do saber, que pode nobremente olhar com desdém para nossas toscas necessidades e nossas rudes carências. Isto é, precisamos da história para a vida e para a ação, e não para uma cômoda renúncia da vida e da ação, ou ainda para a edulcoração da vida egoísta ou do ato covarde e vil. É apenas na medida em que a história serve à vida que queremos a ela servir; mas existe um grau, no exercício e na valorização da história, em que a vida fenece e se degenera: um fenômeno que experimentamos agora, tão necessário quanto doloroso possa ser, como um estranho sintoma de nossa época⁴. (NIETZSCHE, 2017, p. 30)

Este tipo de história não favorece nem a vida, nem a ação. Estes valores: vida e ação são as grandes chaves-de-leitura que norteiam todos os escritos de Nietzsche, pois como discípulo dos antigos, a felicidade não pode estar apartada da ação e a vida deve ser vivida com toda a intensidade, tal qual o homem homérico. Estes valores, quando da elaboração do método genealógico, comporão as características dos perfis psicológicos do senhor e do escravo, bem como farão parte dos seus estudos sobre o niilismo.

Desta forma, aos olhos de Nietzsche, a história tem valor e utilidade na medida que deve servir à vida e à ação que se colocam em franca oposição à concepção de história formulada por Hegel que explicitaremos a seguir.

2.1 – O historicismo hegeliano ou a ‘febre histórica’ de seu tempo

Nietzsche se dispõe a confrontar Georg Wilhelm Friedrich Hegel, filósofo alemão nascido em Stuttgart no ano de 1770 e que faleceu em Berlim no ano de 1831, quase 13 anos antes do nascimento de Nietzsche. Para Hegel, a história segue um espírito universal. Este, teleologicamente a orienta em seu caminho e que é o responsável por esta história que segue em linha reta para a liberdade. “A História, sendo um crescimento do Espírito, em sua fase objetiva, é necessariamente um crescimento de liberdade.” (NÓBREGA, 2011, p. 70)

No pensamento de Hegel, este espírito universal é “a própria razão, provida de vontade, cuja determinação fundamental é aquilo que conhecemos com o nome de liberdade” (SILVA FILHO, 2018, p. 77). Portanto, a história seria, em seu curso, um progressivo aumento da liberdade humana. “Esta conquista gradativa da liberdade não se faz graças a heroísmos, altruísmos, que serão exceção na História humana. De fato, é a

⁴ NIETZSCHE, F. HL\Co. Ext.II, Prefácio.

Razão quem dirige a história. (NÓBREGA, 2011, p.71).

Na filosofia hegeliana, a Razão possui uma astúcia: se utiliza dos homens ambiciosos que tem sede do poder e glória e que, em sua busca, acabam por, com seus feitos, alcançar uma liberdade maior para a humanidade, deixando para trás um “estágio superior de civilização.” (NÓBREGA, 2011, p. 71)

A história, tal como a concebe Hegel, é o autodesenvolvimento do espírito no mundo, com a tarefa de conhecer a si mesmo enquanto espírito livre, ou seja, é o desenrolar do espírito universal no tempo histórico com a finalidade de atingir o mais alto grau da liberdade humana. (SILVA FILHO, 2018, p. 77)

A concepção de história formulada por Hegel e seu caráter teleológico, composta por relações de causa e efeito, permitiria o nascimento de uma ciência - de uma ciência histórica: neutra, objetiva e que permitiria ao homem ressignificar os acontecimentos à luz do espírito universal que se presentifica a cada instante. Para Hegel, o decorrer da história é, inevitavelmente, o avanço da liberdade e, para ele, isto é comprovado pelos fatos que na história ocorreram.

Nas primeiras civilizações, apenas um era livre (o Faraó, por exemplo) e os demais, escravos. Depois, vieram civilizações como a grega, a romana, em que algumas eram livres (as oligarquias privilegiadas, as aristocracias) e os demais, escravos. Finalmente chegaremos um estágio da História em que nenhum será mais escravo e todos serão realmente livre (NÓBREGA, 2011, p. 70)

Para Hegel, a razão que dirige a história é o que faz com que progressivamente alcancemos um maior estado de liberdade. Existe, portanto, uma “astúcia da Razão”, utilizando os homens da História universal, imbuídos que são, regra geral, da sede do poder da glória, da ambição, para através disto que eles buscaram restar para a humanidade uma liberdade maior” (NÓBREGA, 2011, p. 71).

Sendo assim, esta busca por poder dos homens acaba deixando para trás um estágio de civilização superior, no qual eles não haviam pensado objetivamente e que, tampouco, era seu intuito deixar para a humanidade.

2.2 – Críticas ao historicismo

Para Nietzsche, a história está longe de ser neutra, isenta e objetiva, conforme André Itaparica nos explicita: “O sonho positivista de uma história como ciência objetiva e neutra não é apenas uma ilusão e um erro, é também um desserviço à própria vida” (ITAPARICA 2017, p. 18). A história, neste sentido não é diferente de nenhuma outra ciência humana, pois seu

objeto é o próprio ser cognoscente, portanto, a objetividade pretendida não é passível de ser alcançada. Também não pode ser neutra à medida que o sujeito cognoscente é impulsionado por valores, desejos e vontade.

Deste modo, um historiador “não é um espectador imparcial do passado; seu conhecimento já é uma perspectiva que recorta os eventos pretéritos de acordo com seu caráter, pendor e desejo” (ITAPARICA, 2017, p. 18). Ora, se sujeito cognoscente é da mesma natureza do que objeto que se pretende conhecer, reitera-se a grande dificuldade da história e das outras ciências humanas no que tange à objetividade. Como afirma Itaparica, para Nietzsche é necessário que sejamos capazes de ponderar as características da história para que “suas desvantagens não superem suas vantagens”, afinal, como “foi a história que nos tornou homens, então temos de lidar de alguma forma com ela⁵”. (ITAPARICA in NIETZSCHE, 2017, p. 19).

De acordo com Cilento (2010), quando se pretende a história como ciência: projetada para ser neutra e objetiva, encontramos aí uma situação extremamente perigosa. Era preciso, portanto, aos olhos de Nietzsche, desmontar de vez esta ideia de que a história é uma sequência de fatos contínua e objetiva ou seja, uma concepção linear, causal e teleológica de história:

A história ao se pretender ciência, ou seja, ao pretender-se objetiva e neutra, pode provocar grandes perigos para a vida: desenraizar o futuro, destruir as ilusões e privar as coisas presentes de uma atmosfera indispensável à vida. Instituiu-se como uma teologia camuflada – uma visão teleológica, como se na história houvesse um fio condutor, linear, contínuo e inexorável. (CILENTO, 2010).

A modernidade, para Nietzsche, seria caracterizada por uma submissão dos homens à história e pela consciência da historicidade dos atos por eles realizados. Ao elevar a história à condição de ciência e de seu caráter positivo, busca-se expulsar o acaso. Ao edificá-la “à forma última de inteligibilidade dos fatos, elimina do homem a ação, confina-o no passado e impede tanto um presente autêntico quanto toda esperança de futuro.” (ITAPARICA, 2005, p. 82)

Estas duas críticas realizadas por Nietzsche na 2ª. *Extemporânea* – à filosofia hegeliana que prima por dar à história um sentido teleológico, bem como a ideia de que a história deve se tornar ciência, encontram nas palavras de Jensen, sua ratificação:

(...) as três formas de história nos capítulos iniciais do *Utilidade e desvantagem* são, de longe, as mais discutidas. Mas isso não quer dizer que não haja outras, ou que suas críticas às demais não sejam

⁵NIETZSCHE, F. HL\Co. Ext.II, Introdução por André Itaparica.



igualmente importantes. As seções intermediárias e finais de *Utilidade* e *desvantagem* **revelam preocupação com os dois modismos históricos mais importantes do século XIX, ainda que seja radicalmente opostos - o modismo dos historiadores 'científicos' e o dos filósofos que historicizam o 'teleológico'**. A fim de visualizar de maneira clara a própria marca 'afirmativa' da historiografia por Nietzsche, será útil contrastá-la também com as falhas desses modos. (JENSEN, 2020, p. 55-56) (grifos nossos).

É este tipo de visão histórica que Nietzsche afirma paralisar o homem. Esta febre histórica que paralisa, que deixa o homem refém desta história que o espreita, levanta-se como um grande titã em suas costas e o petrifica.

Quando o sentido de um povo se enrijece, quando a história serve assim a uma vida passada, de tal forma que sepulta a continuação da vida e justamente a vida superior, quando o sentido histórico não mais conserva, mas mumifica: desse modo a árvore morre de uma forma antinatural, de cima para baixo, gradualmente – e, por fim, a própria raiz fenece.⁶ (NIETZSCHE, 2017, p. 60)

O conhecimento sobre a história não deve paralisar a ação. Embora o objeto da história seja o passado que nos ajuda a pensar nas configurações de força de um certo momento histórico, ele não deve ser tão exacerbado a ponto de impedir a um homem ou uma nação que atuem no presente. Nietzsche, então, formula algumas advertências aos eruditos e a aqueles que fazem uma 'filosofia de gabinete' que, geralmente, são apartados da ação.

2.3 – As categorias da 2ª Consideração Extemporânea

Depois de esclarecidas algumas das ideias principais do Prefácio, procuramos explicitar, dentro do espaço disponível para este trabalho, os principais destinatários das críticas de Nietzsche nesta obra. Agora, nos cabe percorrermos os passos do pensador nos capítulos seguintes com a finalidade de compreendermos os conceitos decorrentes de suas reflexões: sentido histórico, *histórico*, *ahistórico* e *supra-histórico*, em primeiro lugar. Depois, nos debruçaremos sobre os tipos de história e em que momento devemos empregar um ou outro.

Se a história tem como objeto de estudo o passado, Nietzsche pondera sobre o seu valor e o seu peso na vida do homem e da sociedade. No capítulo I, encontramos a oposição entre esquecimento e memória que atravessará suas reflexões em suas obras da maturidade:

⁶ NIETZSCHE, F.H.L\CO. EXT.II, 1.



O animal vive de forma *ahistórica*: pois ele se absorve no presente, como um número, sem restar uma estranha fração;² ele não sabe dissimular, nada esconde e aparece em cada momento inteiramente como aquilo que é; ele não sabe ser outra coisa senão sincero. O homem, ao contrário, luta contra a crescente e pesada carga do passado: esta o pressiona ou o enverga, sopesa seu passo como um fardo invisível e obscuro, que ele pode negar como ilusório e que, entre seus semelhantes, negaria com prazer para provocar inveja.⁷ (NIETZSCHE, 2017, p. 34)

O animal e a criança vivem uma vida ahistórica: vivem plenamente o presente, imersos no instante. No entanto, a felicidade dos primeiros anos de vida se desfaz com o tempo, quando em algum momento da vida, o homem diz: “eu me lembro⁸”.

A partir daqui a relação com o tempo passa a ser uma das grandes causas de sua angústia. “Para o homem é impossível esquecer. No geral, a maioria dos homens está amarrada ao passado” (CILENTO, 2010). Sendo assim, o passado acaba por se tornar este local onde a felicidade – a longínqua felicidade - foi experienciada. Raramente, o homem percebe o quanto idealizou esta visão que tem do passado.

Observe o rebanho a pastar: ele nada sabe do que é o ontem e o hoje; saltita aqui e acolá, come, descansa, digere, novamente saltita, noite e dia, dia após dia. Em resumo, preso ao seu prazer e desprazer, estancado no instante, não se entristece nem se enfastia. Ver isso é difícil para o homem, que se vangloria de sua humanidade perante o animal, mas contempla enciumado a sorte deste – pois o homem apenas quer, como o animal, viver sem fastio e sem dor; mas o quer em vão, por não querer como aquele. O homem pergunta ao animal: ‘por que nada me diz de sua sorte e apenas me fita?’ O animal quer responder e dizer: ‘acontece que eu sempre esqueço o que quero dizer’ – mas já esquece essa resposta e silencia, e o homem se espanta⁹. (NIETZSCHE, 2017, p. 33)

O animal vive absorvido no tempo presente, aparecendo “em cada momento inteiramente como aquilo que é¹⁰” (NIETZSCHE, 2017, p. 34). Também de acordo com Cilentto (2010), para o animal, desta maneira, “não há passado, nem a ansiedade provocada no homem pela expectativa em relação ao futuro”. A felicidade do animal corresponde em estar infundavelmente no presente. Deste modo, o animal estaria *fora* da história. Entretanto, “para o homem, existe o tempo que se esvai, que escorre como areia pelas suas mãos” (CILENTO, 2010). Ele percebe a passagem do tempo e, nesse sentido, ao contrário do *ahistórico*, compreende o passado e cria a expectativa em relação ao futuro que está

⁷ NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 1.

⁸ “Então diz o homem: ‘eu me lembro’, e inveja o animal, que logo esquece e vê cada instante efetivamente fenecer, afundar na noite e na névoa, extinguindo-se” (NIETZSCHE, 2017, p. 34) - NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 1.

⁹ NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 1.

¹⁰ NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 1.

diretamente relacionada com a ansiedade por ela provocada. Ou seja, o homem vive uma vida histórica. O sentido histórico seria esta capacidade de se perceber como um ser histórico, como um tempo que se esgota.

Ora, destas primeiras considerações decorre que: a) o animal vive uma vida *ahistórica*; b) que por isso mesmo, provocaria uma certa inveja no homem, porque é feliz vivendo absolutamente no presente, se esquecendo imediatamente do instante anterior. c) Justamente porque não consegue esquecer, o homem é infeliz. Deste modo, muitas vezes, não percebe que para ser feliz é preciso esquecer, sem esquecimento não há ação – pois mesmo sendo um ser histórico, a vida é envolta por uma atmosfera não-histórica, uma ‘nebulosa’, que impulsiona os seres à ação, mesmo desconhecendo as consequências. Não há como ser feliz sem esquecer determinadas coisas do passado, sem se deixar ser envolvido por esta nebulosa *ahistórica*. Tal nebulosa corresponde à própria vida: nenhum grande feito teria ocorrido, se os homens não se entregassem a ela. Na opinião de Nietzsche, excesso de história, impede a ação e neste sentido, a história deixa de ser útil à vida. “Que a vida precisa do serviço da história é algo que deve ser entendido com tanta clareza quanto esta sentença, que posteriormente deverá ser provada: que o excesso de história prejudica o vivente¹¹” (NIETZSCHE, 2017, p. 47).

Entender a relação entre vida e história é buscar, também entender quais os limiares dessa relação: se benéfica ou não, a ponto de se transformar em uma mazela para o homem. Esta relação entre esquecimento e memória e, conseqüentemente, com a saúde e doença serão desdobrados nas obras posteriores. “Nietzsche propõe formas nas quais a história possa ser utilizada para promover a vida e não paralisá-la, ou seja, para estimular as produções culturais e não cristalizá-las”. (FREZZATI JR., 2018, p. 10)

Para agir, torna-se preciso esquecer certa parte do passado e a verdadeira sabedoria consiste, portanto, saber esquecer a tempo e se lembrar a tempo. Para tanto, é preciso possuir uma certa *força plástica*: não seria o caso de “abolir completamente o passado, mas deve ser capaz de servir-se dele, de apropriar-se e de refazer sua história” (CILENTO, 2010). Assim, temos o indício do risco que o sentido histórico esteja presente de maneira acentuada.

O sentido histórico, quando reina de forma incontrolada e extrai todas as suas consequências, extingue o futuro, pois destrói as ilusões e rouba das coisas existentes a atmosfera sem a qual não podem viver. A justiça histórica, mesmo quando é realmente exercida e em pura conscienciosidade, é por isso mesmo uma virtude terrível, por sepultar e sabotar o que vive: seu julgar é sempre um aniquilar¹².

¹¹ NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 2.

¹² NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 7.

Em um certo grau, este sentido histórico, como afirma Nietzsche¹³ (2017, p. 36), é maléfico a um ponto que pode acabar por destruir “um homem, um povo ou uma cultura”. É preciso traçar “o limite do que deve ser esquecido, para que o passado não se torne o coveiro do presente”.

Destarte, o *histórico* (o lembrar) e o *ahistórico* (o esquecer) são, da mesma forma, imprescindíveis para o bem-estar de um indivíduo, um povo ou uma cultura. E isso evidencia esta conexão tão dramática presente entre esquecimento e memória: não existe apenas o ato de lembrar e o ato de esquecer como condicionantes da realização humana, mas sim o “esquecer direito e no tempo certo, quanto lembrar no tempo certo¹⁴” (NIETZSCHE, 2017, p. 38).

A alegre serenidade, a boa consciência, o ato feliz, a confiança no vindouro, tudo depende – seja para um indivíduo como para um povo – de que haja uma linha que separe o visível e claro do obscuro e sombrio; de que se saiba tanto esquecer direito e no tempo certo, quanto lembrarno tempo certo; de que se perceba, com instinto forte, quando é necessário sentir historicamente ou ahistoricamente.¹⁵ (NIETZSCHE, 2017, p. 37-38)

Existe, portanto, para Nietzsche uma relação direta entre sentir de maneira ahistórica e a felicidade. Para o filósofo, “só uma coisa faz a felicidade ser felicidade: a capacidade de esquecer ou, expresso de forma erudita, a faculdade de sentir ahistoricamente durante a felicidade¹⁶” (NIETZSCHE, 2017, p. 35-36). Em outros termos, a felicidade só é passível de ser vivenciada quando alguém se torna capaz de se alojar no instante e esquecer o que se passou. Para tanto, é preciso ser detentor de uma força plástica que permite que ele cicatrize as feridas e se esqueça de parte do passado que o machucou. Nas palavras do pensador alemão:

O homem que é incapaz de se sentar no limiar do instante, esquecendo todos os acontecimentos passados, aquele que não pode sem vertigem e sem medo pôr-se de pé um instante, como uma vitória, jamais saberá o que é felicidade e, o que é pior, nunca fará nada para dar felicidade aos outros.”¹⁷ (NIETZSCHE, 2017, p. 36).

Felicidade, portanto, é estar “fora da história”. Mais tarde, quando das obras de maturidade, principalmente na *Genealogia da Moral*, Nietzsche retoma a oposição entre

¹³ NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 1.

¹⁴ NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 1.

¹⁵ NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 1.

¹⁶ NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 1.

¹⁷ NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 1.

memória e esquecimento não apenas para tratar do processo civilizatório, mas retoma e ressignifica estas categorias que passarão a tecer os perfis psicológicos do senhor e do escravo – este é aquele que não consegue esquecer, tornando-se um ressentido para com a vida.

Assim como o animal precisa da luz e da escuridão para viver, da mesma forma o homem precisa da história, mas também de se deixar embeber e “de inalar e respirar essa atmosfera ahistórica¹⁸” (NIETZSCHE, 2017, p. 40).

São estes dois elementos que doam sentido à existência do homem. Porém, há ainda aquele tipo de homem que se eleva “a um ponto de vista supra-histórico¹⁹” (NIETZSCHE, 2017, p. 40),

Para este, conforme salienta Nietzsche (2017, p. 43), “o passado e o presente são uma e mesma coisa, ou seja, em toda multiplicidade, são tipicamente iguais” e que, também, “são uma imagem paralisada de valor invariável e de significado eternamente idêntico²⁰.” Para os homens supra-históricos, “o mundo está pronto em cada instante singular e nele alcança seu fim²¹”. (NIETZSCHE, 2017, p. 42) Isto equivale a pensar que, para eles, não há nada de novo no mundo: “O que dez novos anos poderiam ensinar que dez passados não puderam ensinar!²²” (NIETZSCHE, 2017, p. 42)

Para ele, não existe diferença alguma entre o presente ou passado pois, tudo o que aconteceu antes, continua acontecendo no presente. O homem supra-histórico “paira” sobre estes dois elementos. Este tipo incorre em duas considerações essenciais. A primeira: como para ele não há nada de novo no mundo, pois passado e presente apresentam as mesmas coisas, provoca um sentimento de o tédio e de fastio diante da vida, levando-o ao niilismo e à incapacidade de agir.

A segunda incorre na consideração de que o homem supra-histórico, justamente porque se coloca distante das circunstâncias do presente e olha para a vida como se a história se passasse abaixo dos seus olhos, tem o mérito de conseguir contemplar as grandes construções da humanidade, como a arte e a religião e demais bens culturais. Como afirma Nietzsche, “existe um grau de insônia, de ruminação, de sentido histórico, que prejudica o vivente e por fim o destrói, seja um homem, um povo ou uma cultura²³” (NIETZSCHE, 2017, p. 36).

¹⁸ NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 1.

¹⁹ NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 1.

²⁰ NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 1.

²¹ NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 1.

²² NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 1.

²³ NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 1.

A filosofia nietzschiana, encontraremos desde os escritos de juventude, é atravessada pelo ideal grego de homem. Para o pensador alemão, é o homem homérico que deve entender que a esta vida e este mundo tem maior valor do que a vida no mundo pós-morte. Mas não só, a admiração de Nietzsche pelo homem homérico, se deve à ideia de que a existência deve se tornar uma obra-de-arte, pois a imortalidade só seria alcançada pelos grandes feitos que seriam realizados em homenagem aos seus ancestrais e como ponto de autoglorificação, ganhando o reconhecimento de seus pares e alcançando a imortalidade. Ser imortal, é ser lembrado pelas gerações futuras, tal como os grandes heróis da *Ilíada*. Ora, tal concepção implica em pensar que para este homem grego, não importa a longevidade da vida, mas importa é como ela foi vivida: intensamente vivida. Estes homens teriam elevado sentido ahistórico, pois a ação é tudo. Este homem é capaz de “preservar um sentido ahistórico em seu período de maior êxito”²⁴. (NIETZSCHE, 2017, p. 68).

Prossegue Nietzsche:

(...) se um homem contemporâneo retornasse por magia àquele mundo, ele provavelmente acharia os gregos bastante ‘incultos’; isso certamente revelaria, para o escárnio público, o segredo da cultura moderna, tão penosamente dissimulado; pois nós, modernos, nada somos; somente quando nos preenchemos e nos abarrotamos de épocas, costumes, artes, filosofias, religiões e conhecimentos de outrem é que nos tornamos algo digno de atenção, isto é, enciclopédias ambulantes, como poderia nos chamar um heleno maldoso²⁵. (NIETZSCHE, 2017, p. 68).

Nós, descendentes da tradição ocidental – o que implica que nos apropriamos dos valores da metafísica e da religião, somos o avesso daquele homem homérico. Para o pensador alemão, a trajetória da cultura ocidental levou os homens aos requintes do processo civilizatório que podem ser evidenciados pelo conhecimento e as artes e os costumes. O homem moderno, diferente do homem homérico, é um erudito, um homem culto que muitas vezes, só consegue a atenção devido à sua erudição. Há outras passagens da 2ª *Extemporânea* que poderíamos explorar aqui, contudo, vale destacar que a filosofia produzida em gabinete, que o conhecimento sem ação são inúteis e prejudiciais à vida.

O homem moderno, por seu excesso de história, por seu sentido histórico que reina, segundo o pensador alemão²⁶ (2017, p. 97), descontroladamente, corre o risco de extinguir o futuro. Ele rouba a existência de sua vitalidade e capacidade de mudança. Esta “justiça histórica, mesmo quando é realmente exercida

²⁴ NIETZSCHE, F. HLICO. EXT.II, 4.

²⁵ NIETZSCHE, F. HLICO. EXT.II, 4.

²⁶ NIETZSCHE, F. HLICO. EXT.II, 7.

e em pura conscienciosidade, é por isso mesmo uma virtude terrível, por sepultar e sabotar o que vive: seu julgar é sempre um aniquilar”²⁷ (NIETZSCHE, 2017, p. 97).

Como filólogo de formação, Nietzsche se torna um crítico mordaz deste período, pois para ele não teria sentido exercer o seu ofício, se não fosse para avaliar o presente, tendo em vista que é o filósofo “fruto dessa época histórica, e por isso se propõe a ser um *extemporâneo*, ou seja, um crítico de sua época em nome de uma época futura.” (ITAPARICA, 2005, p. 83).

Esta obra assim como todas as demais, não estão embebidas em um fatalismo ou derrotismo, pois ao tomar como ponto de partida para apreciar os valores da cultura ocidental, o homem homérico, enaltece o valor da existência. Ora, ao estabelecer esta análise comparativa com os valores do homem ocidental que se inicia com o fenômeno socrático-platônico e toda a tradição metafísica, bem como a filosofia da história cujo caráter é de fundo teológico e teleológico, reconhece que estes valores são malsãos e apontam para aquilo, que em *Assim Falou Zaratustra*, denomina de “o último-homem”.

Na 2ª *Extemporânea*, especificamente, encontraremos um prenúncio do niilismo ativo – momento em que o homem já não consegue mais sentir a presença do divino, mas ao invés de se tornar um homem repleto de fastio e de tédio para com a vida, como em parte, o homem supra-histórico, se torna o criador dos próprios valores e age de modo a tornar sua existência significativa: “ousem acreditar em si mesmos como acreditam em seus heróis”²⁸. (NIETZSCHE, 2017, p. 96)

Destarte, é importante frisar a dimensão propositiva da filosofia nietzschiana – a vida não deve ser encarada como se “fosse apenas dor e aborrecimento, uma concepção triste de história que diz: ‘é assim’” (CILENTO, 2010). Tal dimensão propositiva busca uma nova transvaloração dos valores, exigindo um novo posicionamento perante a existência e a história.

Contra esta deve se levantar uma concepção que é avessa a resignação provocada pelo historicismo – da história como ciência – linear e teleológica que ao invés de afirmar – ‘é assim!’, tem o poder de transformar seu curso em “eu quis assim e assim hei de querê-lo.” (CILENTO, 2010)

Este homem será capaz de escrever a história. A articulação nietzscheana entre ahistórico, histórico e supra-histórico, que se apresenta como uma balança cheia de elementos que precisam ser cadenciados, exhibe um raciocínio para que possamos lidar com

²⁷ NIETZSCHE, F. HLICO. EXT.II, 7.

²⁸ NIETZSCHE, F. HLICO. EXT.II, 6.

o passado e construir o futuro. Não se trata, entretanto, de destruir o passado, mas ressignificá-lo. Segundo Nietzsche:

(...) o homem experimentado e superior escreve a história. Quem nunca viveu algo elevado e grandioso não saberá interpretar o elevado e o superior do passado. A sentença do passado é sempre a sentença de um oráculo: a qual, apenas como arquitetos do futuro, sábios do presente, vocês poderão entender. O efeito de Delfos, extraordinariamente profundo e vasto, explica-se pelo fato de que seus sacerdotes eram conhecedores acurados do passado; agora não convém saber que apenas aquele que constrói o futuro tem o direito de julgar o passado.²⁹ (NIETZSCHE, 2017, p.95-96)

Não é apenas a herança do passado que está em jogo, é a nossa visão sobre ele. É acreditarmos que o passado é uma espécie de totem estamental, imóvel e incólume. Uma estátua que sempre esteve e sempre estará em um local fixo de uma maneira rígida, intocável e inalcançável.

O interesse excessivo pela história faz que o homem considere os fatos pretéritos como objetos isolados e auto-suficientes¹², e não uma matéria que deve ser modelada para construir o futuro de um indivíduo, de um povo ou de uma cultura. Por isso, a medida justa de sentido histórico a ser tolerado é definida exatamente pela força plástica, criadora, que se possui para transformar o passado (ITAPARICA, 2005, p. 82)

As análises sobre as categorias presentes na 2ª Extemporânea não foram esgotadas e permanecem como um convite para que os que se interessarem pelo tema que as explorem, pois o espaço disponível para este trabalho, não nos permite continuarmos, pois na interlocução entre elas, torna-se imprescindível apresentar os tipos de história que servem como um “norte para a “interpretação da cultura, da memória e da ação humana”. (BITTENCOURT, 2017, p.125) São elas: A História Monumental, a História Antiquária e a História Crítica.

2.4 – Os tipos de História

Para que a história esteja a serviço da vida e da ação, é preciso identificar a configuração de forças do presente e valer-se de um dos tipos de história que Nietzsche identifica e distingue, pois a escolha inadequada seria completamente nociva. São elas: a história monumental, conservadora e crítica.

A **História Monumental** é caracterizada pela “apresentação dos feitos extraordinários do passado, servindo de inspiração para a realização de atos também grandiosos do presente”

²⁹ NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 6.

(BITTENCOURT, 2017, p. 125). Ela “expressa a busca no tempo ido de modelos e mestres não encontrados no presente, cuja utilidade maior está em perceber que a grandeza, outrora existente, foi possível uma vez.” (MARTON, 2016, p. 256).

O pensamento fundamental da crença na humanidade expresso pela exigência de uma história monumental é o de que os grandes momentos na luta dos indivíduos formam uma corrente que os une, no decorrer dos séculos, na cordilheira da humanidade; que, para mim, o mais elevado de cada momento há muito ocorrido ainda é vivo, claro e grandioso³⁰. (NIETZSCHE, 2017, p. 48)

Servindo de inspiração para o presente, esta História Monumental pode acabar por oprimir a consciência no presente. Olhar para o passado imputa fatalmente nosso olhar presente. Para Nietzsche (2017, p. 48-49) “é justamente essa exigência de que o grandioso seja eterno que deflagra a luta mais terrível. Pois todo o resto que ainda vive grita ‘Não’³¹.” Ou seja, esta visão história acaba por paralisar o presente, impedindo que a vida ali se manifeste.

A História Monumental “endereço-se a um tipo de homem ativo e grandioso que busca na história modelos e mestres para inspirá-lo na sua atuação no presente” (MARTON, 2016, p. 256). Sendo assim, este homem em questão conclui que “o grandioso que um dia existiu foi *possível* uma vez e por isso será possível novamente³²” (NIETZSCHE, 2017, p. 50). Nietzsche³³ (2017, p. 53) afirma que por meio de analogias e sedutoras semelhanças a História Monumental ilude o homem. Portanto, alguém que vive sob a sombra desta História Monumental está paralisado, procurando um ideal mimético ou uma continuação de glórias e feitos passados, buscando estender eternamente o que foi grandioso. E nesta infundável tentativa de trazer o passado novamente à tona, torna-se impossível a manifestação da vida.

A história monumental pode parecer útil ao homem que busca a grandeza. Este homem “apodera-se do passado como algo espetacular que deve e pode ser repetido” (FREZZATI JR., 2018, p. 12). Porém, este modelo histórico apresenta um prejuízo: pode impedir que as forças ativas do presente possam se manifestar:

A veracidade em relação ao passado histórico não é necessária para a produção de algo grandioso, basta usar o passado monumental como um ‘efeito em si’, desvinculado de suas causas históricas. Trata-se de uma criação próxima da livre expressão poética. A desvantagem da história monumental ocorre quando não há força para produzir algo tão grandioso e a mediocridade, apoiando-se na tradição, age contra

³⁰ NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 2.

³¹ NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 2.

³² NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 2.

³³ NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 2.

os verdadeiros artistas. O resultado é a paralisação das forças criativas, isto é, da própria vida. (FREZZATI JR., 2018, p. 13)

A **História Antiquária**, por sua vez, está relacionada com “elementos simbólicos de grande significação cultural” (BITTENCOURT, 2017, p. 125) em uma sociedade. Entre elas estão construções e festas populares, por exemplo, fazendo com que sejam criados fortes laços com elementos familiares ao indivíduo.

“A história antiquária caracteriza-se por uma espécie de piedade que faz com que o olhar se volte para trás com fidelidade pela sua própria proveniência” (MARTON, 2016, p. 256), ou seja, cuida do que veio antes buscando preservar estes elementos para as próximas gerações. “A característica precípua da história antiquária está em promover a preservação e a veneração a serviço da vida” (MARTON, 2016, p. 256). Porém, apropriar-se desta história incorretamente, esta manifestação pode incorrer em “uma atitude conservadora e discriminatória em relação a todo tipo de conteúdo cultural proveniente de outras sociedades” (BITTENCOURT, 2017, p.126). Incorrendo neste tipo de atitude, a história não estaria sendo apropriada à serviço da vida, mas sim para sua corrupção.

O sentido antiquário de um homem, de uma comunidade, de todo um povo possui sempre um campo de visão extremamente estreito; ele não percebe a maioria das coisas e, do pouco que vê, vê de forma muito próxima e isolada; não é capaz de medir, e por isso toma tudo como igualmente importante e todo indivíduo como demasiado importante. Não existem, então, para as coisas do passado, diferenças de valor e proporções que de fato fizessem justiça às coisas em relação entre si; ao contrário, há apenas medidas e proporções das coisas para o indivíduo ou povo que olha retrospectivamente de maneira antiquária.³⁴ (NIETZSCHE, 2017, p. 60)

Assim, este “conservador e reverente que com fidelidade e amor olha para trás³⁵” (NIETZSCHE, 2017, p. 57), cuidando do que é antigo, busca proteger as condições em que surgiu (e nas quais outros devem surgir após ele), pois é assim que ele serve à vida.

(...) a alma conservadora e reverente do homem antiquário se transmigra para essas coisas e constrói para si um ninho oculto. A história de sua cidade se torna a sua própria história; ele entende a muralha, o pórtico fortificado, os éditos municipais e festas populares como seu diário, reencontrando nisso tudo sua força, seu denodo, seu prazer, seu julgamento, sua loucura e sua travessura. Aqui se viveu, ele diz a si mesmo, pois aqui se vive, aqui se viverá, já que somos resistentes e não desmoronamos durante a noite³⁶. (NIETZSCHE, 2017, p. 57)

³⁴ NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 3.

³⁵ NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 3.

³⁶ NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 3.

Esta necessidade do homem antiquário desemboca em um colecionismo acumulatório de tudo o que já existiu. Assim, envolto em um ar cadavérico, o homem antiquário e sua incessante curiosidade acaba por afundar-se tanto que, ao final, “se satisfaz com qualquer bocado e devora com prazer a poeira das quinquilharias³⁷” (NIETZSCHE, 2017, p. 61).

Por último, a **História Crítica**, é a história utilizada por aquele que “visa se libertar efetivamente do sufocante jugo da tradição, dos imperativos sociais, do dever tradicionalista” (BITTENCOURT, 2017, p.126). Esta história “consiste em ter a força para implodir o próprio passado” (MARTON, 2016, p. 256). Ela consiste em promover o presente a partir da aniquilação do passado uma vez que “no julgamento do pretérito o presente ganha força e vigor e, com isso, serve à vida.” (MARTON, 2016, p. 256).

De tempos em tempos, ele deve utilizar a força de destruir e dissolver um evento passado para que possa viver: ele alcança isso levando esse passado ao tribunal, interrogando-o minuciosamente e, enfim, condenando-o; mas todo passado merece ser condenado – pois assim são as coisas humanas: sempre nelas existiriam a violência e a fraqueza humanas. Não é a justiça que se senta aqui no tribunal; muito menos é a clemência que anuncia o julgamento: mas somente a própria vida, aquele poder obscuro, impulsionador, insaciável, que deseja a si mesmo³⁸. (NIETZSCHE, 2017, p. 62)

Este indivíduo que desta história se apropria, reconhece injustiças, ilusões passadas, possuindo, então a capacidade de “abrir os seus horizontes para a possibilidade das ações afirmativas, inovadoras, desprovidas, no entanto, de toda fantasia idealizada pelo anseio de glória e eternização do nome” (BITTENCOURT, 2017, p.126).

Segundo Nietzsche (2017, p.62-63), “a mesma vida que precisa do esquecimento precisa, de vez em quando, da destruição desse esquecimento³⁹”. Para o filósofo, é necessário que se torne claro as injustiças de quaisquer privilégios, dinastias e castas, devendo todos estes perecerem. Uma vez que “somos resultado de gerações anteriores, somos também resultado de seus desvios, paixões, erros e até mesmo crimes; não é possível se livrar dessa cadeia⁴⁰” (NIETZSCHE, 2017, p. 63). Para Nietzsche, mesmo que nos encaremos como libertos destes desvios, condenando-os, isto de modo nenhum exclui o fato de que somos descendentes deles.

Esses são os serviços que a história pode prestar à vida; todo homem e todo povo precisam, segundo seus objetivos, forças e necessidades, de um certo conhecimento do passado, às vezes monumental, às vezes antiquário, às vezes crítico. Mas não como um bando de pensadores puros que só observam a vida, não como indivíduos

³⁷ NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 3.

³⁸ NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 3.

³⁹ NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 3.

⁴⁰ NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 3.



ávidos de conhecimento, que só se satisfazem com o saber que tem como objetivo o aumento do conhecimento, e sim com fins vitais, e portanto, sob o domínio e a condução desses fins⁴¹. (NIETZSCHE, 2017, p. 65)

Sendo assim, temos estas três perspectivas sob as quais a história convém ao homem: Enquanto possui aspirações e é ativo, enquanto venera e preserva e enquanto precisa libertar-se ao sofrer (MARTON, 2016, p. 256). Vemos aqui, portanto, que no pensamento de Nietzsche “a única forma de a história ser vista de forma afirmativa é estando a serviço da vida, seja em sua forma monumental, antiquária ou crítica” (MARTON, 2016, p. 256).

A história que se encontra a serviço da vida dá espaço para a manifestação da ahistoricidade, abrindo a possibilidade ao homem de enxergar novos horizontes. “Nietzsche relaciona o histórico, enquanto a serviço da vida, ao ahistórico, isto é, a história, quando promove a vida, está justamente expressando um poder ahistórico” (MARTON, 2016, p. 256).

Esta história a serviço da vida é o motivo pelo qual ela não pode se constituir como uma ciência autônoma. Pois com sua autonomia, ela “abandonaria justamente seu poder ahistórico em busca de um histórico que levaria a vida e a própria história à degeneração” (MARTON, 2016, p. 256).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível, na verdade provável, que todos nós já tenhamos nos perguntado: Afinal, qual o nosso lugar na história? Esta história cheia de acontecimentos – e feitos grandiosos – que pesam sobre nosso presente, nos assombrando ao mesmo tempo que nos impressiona.

Assim, este texto nietzschiano do qual tratamos ao longo deste trabalho não apenas nos situa dentro da história, como nos ajuda a compreendê-la e, mais importante que isso, nos mostra uma maneira de utilizá-la a nosso favor.

Na primeira parte deste trabalho, foi exposto o período histórico em que Nietzsche estava inserido, assim como o período em que esta sua *Segunda Consideração Extemporânea* foi redigida. Explicitamos que, neste período, as ciências humanas buscavam sua autonomia da Filosofia e, também, abordamos a visão do filósofo Hegel de uma história teleológica, que dominava o pensamento europeu daquela época. Mostramos,

⁴¹ NIETZSCHE, F. HLCO. EXT.II, 4.

também, que Nietzsche se opunha veementemente a esta visão hegeliana de que a história caminhava objetivamente para um fim, sendo este fim, para Hegel, a liberdade.

Na segunda parte do trabalho mergulhamos mais fundo no historicismo hegeliano, chamado também de 'febre histórica' de seu tempo, apresentamos as críticas nietzschianas a este historicismo e tratamos das categorias que são abordadas na *Segunda Consideração Extemporânea*, sendo elas as categorias *histórica*, *ahistórica* e *supra-histórica*. Estas categorias são centrais para que entendamos o impacto da história em nossas vidas, como utilizá-la a nosso favor e, também, o que é estar *dentro* e *fora* da história, temas todos tratados no decorrer deste trabalho. Por fim, foram mostrados os tipos de história, sendo eles a *História Monumental*, a *História Antiquária* e a *História Crítica*, seus significados, suas características e, claro, consequência.

Assim, neste trabalho vemos o quão paralisante a história pode se tornar para a humanidade. Ao admirar grandes feitos passados na esperança de conseguirmos equipará-los ou ao nos cercarmos de objetos de outros tempos, ao padecer da febre histórica, nos paralisamos. Esta história não está a favor da vida. E, justamente por este motivo, não existe maneira de que ela se estabeleça de modo autônomo. Se a história fosse autônoma, ela perderia o poder de ahistoricidade que levaria a vida – assim como a própria história – à ruína.

Por fim, ao nos aproximarmos do final deste trabalho, é impossível não nos lembrarmos do excerto da *Segunda Consideração Extemporânea* em que Nietzsche clama: “ousem acreditar em si mesmos como acreditam em seus heróis⁴²” (NIETZSCHE, 2017, p. 96). E, deste modo, esperamos que este trabalho possa contribuir para pesquisas futuras sobre a filosofia de Friedrich Nietzsche e encerramos, sem pretensão de esgotar o tema, com a esperança de que possamos sempre ousar acreditar em nós mesmos, assim como em nossos heróis acreditamos.

4. REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Renato Nunes. *Nietzsche e a doença da consciência histórica*. **Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência**, v. 10, n. 2, p. 123-128, 2017. Disponível em: < <https://revistas.ufrrj.br/index.php/tragica/article/download/27163/14963> >. Acesso em 03/11/2023.

CILENTO, Angela Zamora. *Tempo, felicidade e história - Pequenas Considerações a partir da 2. Extemporânea*. **Revista Pandora**, v. 15, 2010. Disponível em < http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/nietzsche/tempo.htm >. Acesso em 28/09/2023.

⁴² NIETZSCHE, F. HL\CO. EXT.II, 6.



DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

FREZZATI JR., Wilson Antonio. As noções de história na *II Consideração Extemporânea* e em *Humano, demasiado humano*. **Cad. Nietzsche**, v. 39, 2018. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/cniet/a/kzTDkRhpiQGGqPC4tn8LQhJ/?lang=pt> >. Acesso em 28/09/2023.

GIL, Gilson. *Nietzsche como educador: cultura e secularização na crítica nietzscheana ao historicismo hegeliano*. **O que nos faz pensar**, v. 2, n. 2, 1990. Disponível em: < <https://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/oqnf/article/view/18/17> >. Acesso em 15/01/2023.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **A Razão na História**. Lisboa: Edições 70, 2020.

ITAPARICA, André Luís Mota. Nietzsche e o sentido histórico. **Cad. Nietzsche**, v. 19, 2005. Disponível em: < https://gen-grupodeestudosnietzsche.net/wp-content/uploads/2018/05/CN019_1.79-100.pdf >. Acesso em 27/09/2023.

JENSEN, Anthony K.. A visão afirmativa de Nietzsche na Segunda Consideração Extemporânea. **Cad. Nietzsche**, v. 41, 2020. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/cniet/a/3LdNhxQ8QfrgyJf3YPpW94y/?lang=pt#> >. Acesso em 28/03/2023.

MARTON, Scarlett (ed.). **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre A Utilidade E A Desvantagem Da História Para A Vida: Segunda Consideração Extemporânea**. São Paulo: Editora Hedra, 2017. Livro digital lido, consultado e citado no Kindle.

NÓBREGA, Francisco Pereira. **Compreender Hegel**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

RODRIGO, Lidia Maria. *A Questão Da Cientificidade Das Ciências Humanas*. **Proposições**, v. 18, n.1 (52), jan-abr, 2007. Disponível em: < <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2402/52-dossie-rodrigolm.pdf> >. Acesso em 02/11/2023.

SILVA FILHO, A. V.. *A Filosofia de Hegel à Luz da Teoria do Romance do Jovem Luckács*. **Trans/Form/Ação**, v. 41, n. 4, p. 75-90, Marília, 2018. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/trans/a/jBcVS9CS55HxWTzvygsj6VK/?format=pdf&lang=pt> >. Acesso em 11/01/2023.

SOROSINA, Arnaud. Os nomes da história em perspectiva: Nietzsche, Emerson, Roux. **Cad. Nietzsche**, v. 42, 2021. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/cniet/a/xZPBfySqvRz6c7RNpbhLDfN/?lang=pt#> >. Acesso em 29/03/2023.

Contatos: vitor.quimaraes5150@gmail.com

angela.rezende@mackenzie.br